

2° CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA



Adrian Tejido/Divulgação

‘Ainda Estou Aqui’ faz história

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Desde 2020, quando o thriller sul-coreano “Parasita” ganhou quatro Oscars, a festa de maior prestígio da indústria do audiovisual não reserva tanta alegria para a produção feita fora dos EUA, sobretudo a brasileira, quanto se vê em 2025, quando o Brasil vai concorrer à estatueta em três categorias, à força do fenômeno “Ainda Estou Aqui”. Pela segunda vez em 97 anos da premiação, o cinema brasileiro vai disputar a láurea de Melhor Filme, concorrendo na categoria mais prestigiosa e desejada da cerimônia da Academia de Artes e Ciências

Cinematográficas de Hollywood. O sucesso de bilheteria de Walter Salles - visto por quase 3,7 milhões de pagantes em território nacional - entrou ainda no páreo de Melhor Atriz (via Fernanda Torres) e Melhor Filme Internacional. Antes dele, em 1986, “O Beijo da Mulher Aranha”, de Hector Babenco (um argentino de Mar Del Plata radicado em SP), produzido pela paulista HB Filmes, concorreu ao Oscar principal da Meca do audiovisual, mas ganhou noutra seara, a de Melhor Ator (William Hurt). **Continua na página seguinte**

Em 2004, “Cidade de Deus”, de Fernando Meirelles, brigou por quatro troféus (roteiro, direção, montagem e fotografia), e não levou nenhum.

Salles, que foi indicado há 26 anos por “Central do Brasil” (Urso de Ouro na Berlinale de 1998), tem agora chances altas, sobretudo pelo êxito comercial, em escala global, de sua adaptação do romance homônimo de Marcelo Rubens Paiva. No próximo dia 7, o drama capitaneado por Walthinho (apelido do diretor carioca) amplia seu circuito nos EUA, o que pode multiplicar sua receita e estender suas chances de vitória em paragens hollywoodianas.

Em 1999, ele disputou a estatueta designada a produções não americanas (então chamada best foreign film) que acabou nas mãos de “A Vida É Bela” (Itália), do ator Roberto Benigni. Naquela data, a saga da escrevedora de cartas Dora rendeu a indicação ao prêmio de Melhor Atriz para a interpretação de Fernanda Montenegro, mãe de Torres. Em “Ainda Estou Aqui”, ela e a filha dividem o papel da advogada e ativista Eunice Paiva (1932-2018), que enfrentou a ditadura para descobrir o paradeiro do marido, o ex-deputado e engenheiro Rubens (papel de Selton Mello). Fernandona foi preterida em favor de Gwyneth Paltrow (concorrendo por “Shakespeare Apaixonado”), num dos resultados mais criticados da trajetória das cerimônias da Academia. Este ano, a instituição vai contemplar sua claqué de concorrentes no dia 2 de março, em evento no Dolby Theatre, em Los Angeles, tendo Conan O’Brien como apresentador.

As três indicações do Brasil foram divulgadas ontem num anúncio oficial apresentado pela atriz Rachel Sennott e pelo ator Bowen Yang. Eles apontaram o musical “Emilia Pérez”, do francês Jacques Audiard (que estreia aqui no dia 6) como o recordista de nomeações do ano, ativa em 13 categorias. Atrás dele, aparecem “O Brutalista”, de Brady Corbet (a ser lançado aqui no dia 20 de fevereiro), e “Wicked”, de Jon M. Chu (já em cartaz), empatados na caça a dez troféus cada um. Na esteira deles aparece “Um Completo Desconhecido” (a cinebiografia do cantor e compositor Bob Dylan) e o thriller “Conclave”, com oito indicações cada.

Estes cinco longas vão encarar “Ainda Estou Aqui” na corrida pelo Oscar principal de 2025, além de outras quatro produções: “Anora”, “Duna: Parte 2”, “Nickel Boys” e “A Substância”, que valeu à cineasta francesa Coralie Fargeat uma indicação à láurea de Melhor Direção. No filme dela está a principal concorrente de Torres, Demi Moore, vivendo



As chances são altas

uma estrela em decadência que, às voltas com um experimento químico, sofre uma metamorfose. Suas outras rivais são Mikey Madison (“Anora”, que ganhou a Palma de Ouro de 2024); Karla Sofia Gascón (única mulher trans que já disputou essa honraria, indicada por “Emilia Pérez”) e Cynthia Erivo (“Wicked”). Além do Globo dourado, Torres tem no currículo o prêmio de Melhor Interpretação Feminina de Cannes, que ganhou há 39 anos por “Eu Sei Que Vou Te Amar” (1986).

Protagonista de marcos do nosso teatro (“A Casa dos Budas Ditosos”) e de nossa TV (“Tapas e Beijos”), bem-sucedida ainda na prosa, em romances (“Fim” e “A Glória E Seu Cortejo de Horrores”), ela vem sendo elogiada em todos os festivais por onde a saga de Eunice passou, a começar pelo de Veneza, onde o roteiro de Heitor Lorega e Murilo Hauser foi premiado, em setembro. Depois, o longa brilhou em projeções em San

Sebastián, Nova York, Toronto e Marrakech, além da Mostra de São Paulo, onde ganhou o Prêmio de Júri Popular. No dia 4 deste mês, a Associação de Críticos do Rio de Janeiro (ACCRJ) elegeu a narrativa de Salles para o pódio do Top Ten de 2024, escolhendo-a como seu Filme do Ano. “Com tanto problema hoje em dia no mundo, tanto medo, esse é um filme que nos ajudou a pensar em como sobreviver em tempos como esses”, disse Torres na conquista do Golden Globe.

Torres trabalhou com Walthinho em duas outras ficções (ambas rodadas em duo com Daniela Thomas): “Terra Estrangeira”, de 1995 (hoje na Netflix), e “O Primeiro Dia”, que foi indicada ao Leopardo de Ouro de Roterdã em 1998. Os dois dão protagonismo a mulheres alquebradas por vetores sociopolítico, como é o caso da Eunice Paiva de “Ainda Estou Aqui”. Durante os Anos de Chumbo, no começo da década de 1970, ela vê seu

companheiro, Rubens ser levado à força para depor, sem nunca regressar. Dali para diante, ela se empenha em dissipar névoas da tortura e das práticas de sumiço de ditos “subversivos”, numa trajetória heroica. A montagem espartana de Affonso Gonçalves narra essa luta em saltos no tempo, com direito a uma entrada de F. Montenegro numa sequência de doer na alma. Maria Carlota Bruno (“No Intenso Agora”) e Rodrigo Teixeira (“A Vida Invisível”) assinam os créditos de produtor desse blockbuster sul-americano, que vem lotando complexos na França e em Portugal.

“O ‘Ainda Estou Aqui’ é um relato sobre uma mulher que, face à tragédia que se abate sobre sua família, face à uma terrível violência de estado, é obrigada à encontrar novas formas de resistência”, disse Salles por e-mail ao Correio da Manhã.

Walthinho passou 12 anos sem rodar longas de ficção depois do lançamento de

Adrian Tejido/Divulgação



Alile Dara Onawale/Divulgação



Alile Dara Onawale/Divulgação

Alile Dara Onawale/Divulgação



“Na Estrada” (“On The Road”, 2012). Nesse período, lançou o .doc “Jia Zhangke, um Homem de Fenyang” (2014) e rodou curtas (“Quando a Terra Treme”). No certame de Melhor Filme Internacional deste Oscar, o cineasta compete com “Emilia Pérez”, com “A Garota Da Agulha” (Dinamarca), “A Semente do Fruto Sagrado” (thriller iraniano que representa a Alemanha, pátria onde seu realizador, Mohammad Rasoulof, está refugiado), e a animação da Letônia “Flow”.

À luz da recente oficialização de posse de Donald Trump na Casa Branca, seu controverso biopic, chamado “O Aprendiz” (“The Apprentice”), que pode ser visto hoje na Amazon Prime, colheu duas indicações ao Oscar que ninguém esperava. Sebastian Stan, que interpreta o atual líder dos EUA, vai concorrer ao prêmio de Melhor Ator, e Jeremy Strong (da badalada série “Succession”), vai disputar o troféu de Melhor Coadjuvante,

no papel do advogado Roy Cohn, espécie de mentor do político em sua juventude. Lançado em Cannes, na disputa pela Palma de Ouro, o filme de Ali Abbasi (cineasta escandinavo de origem iraniana respeitado por “Holy Spider”) quase teve sua estreia comercial vetada pelo comitê de campanha trumpista. O roteiro é centrado no processo de amadurecimento de Donald T entre os anos 1970 e a década de 1980 a partir da relação de aprendizado que ele estabelece com Cohn, que se contamina com o HIV em relações com diferentes parceiros. No auge de seu calvário físico, ele é renegado por seu pupilo, a quem ensinou as manhas sobre como vencer nos negócios no apogeu do capitalismo consumista. A Trump Tower é o primeiro dos acertos de seu “aluno”.

Conhecido pela ala nerd pelo papel do Soldado Invernal na franquia Os Vingadores, Stan foi laureado com o Globo de Ouro (e o

Urso de Prata da Berlinale) por outro longa, “Um Homem Diferente”, indicado à estatuetta da Academia de Melhor Maquiagem. Na roda agora com “O Aprendiz”, ele tem como maior adversário Adrien Brody, em “O Brutalista”. Oscarizado em 2003 por “O Pianista”, o astro é a força motriz de uma produção de audaciosa engenharia visual (fotografada em 70mm), de 3h e meia de duração. Trata-se do painel histórico sobre o calvário de um arquiteto húngaro (papel de Adrien) na América do pós-Guerra, sob os auspícios de um milionário excêntrico (Guy Pearce, que concorre ao Oscar dos coadjuvantes). Brody e Stan tem que driblar ainda Colman Domingo (“Sing Sing”), Timothée Chalamet (que canta feito Bob Dylan em “Um Completo Desconhecido”) e Ralph Fiennes (“Conclave”).

Também não esperava no anúncio da Academia a menção ao nome do ator Jesse Eisenberg na listagem dos potenciais ganha-

dores do Oscar de Melhor Roteiro Original, por “A Verdadeira Dor”. Sua escrita, contudo, é notável, e ele ainda assina a direção, além de atuar ao lado de Kieran Culkin. Outro destaque do já citado seriado “Succession” (da MAX), no papel de Roman Roy, Kieran (irmão de Macaulay Culkin, de “Esqueceram de Mim”) fez jus ao favoritismo que arrasta desde as primeiras exposições públicas do longa de Eisenberg ao conquistar o Globo de Ouro de Melhor Coadjuvante. Concorrerá ao troféu da Academia nessa mesma categoria.

A nova empreitada atrás das câmeras de Eisenberg (astro de “A Rede Social”, de 2010) é de uma precisão suíça e de uma coragem espartana. O aspecto mais corajoso é a exploração de uma veia cômica para falar tanto de fantasmas do Holocausto quanto de vazios existenciais. Com enquadramentos rigorosamente lapidados (à altura dos olhos de seus personagens), Jesse constrói uma comédia dramática de atuações convulsivas sobre a viagem dos primos David e Benji Kaplan. Os personagens são vividos pelo próprio Eisenberg e por Kieran, que está uma força da natureza em cena, numa viagem pela Polônia da rota dos expurgos nazistas. Essa dramédia estreia aqui na semana que vem.

Todos esses artistas e todos esses longas aqui citados devem ganhar mais destaque comercial nas salas de projeção até o início de março, inclusive com apoio de grandes festivais do Velho Mundo. Roterdã, que começa no dia 30, vai projetar “O Brutalista” e “Ainda Estou Aqui” em sessões de gala. Já “Um Completo Desconhecido” ganha vitrine na Berlinale, que começa no próximo dia 13. No streaming, a Netflix já saliva pela inclusão de “Emilia Pérez” em seu menu, ansiosa pelos feitos de Jacques Audiard em nossos cinemas, no comecinho de fevereiro.

Atração de abertura do Festival do Rio, em outubro, “Emilia Pérez” nasceu para as telas no Festival de Cannes, em maio, e, depois, vendeu 1.067.268 tíquetes em seu país. Na Croisette, na disputa pela Palma de Ouro, Audiard ganhou o Prêmio do Júri pela saga (cantada em espanhol) de um chefão do tráfico do México, chamado Manitas, que transiciona e assume identidade feminina, renascendo como Emilia.

O papel é da espanhola Karla Sofia Gascón, que saiu de Cannes com um prêmio coletivo de atuação feminina compartilhado com Adriana Paz, Selena Gomez e Zoe Saldana. Essa última abocanhou o Globo de Ouro Atriz Coadjuvante. O filme ganhou ainda o Globo de Melhor Canção (“El Mal”). Karla e Audiard passaram pelo Brasil esta semana. Resta saber o quanto de dor de cabeça vão trazer para “Ainda Estou Aqui”.

ENTREVISTA / DANIEL FILHO, ATOR E DIRETOR

‘Passei a rever a vida e a lembrar que eu sou ator’

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Folheando registros oficiais da Agência Nacional do Cinema (Ancine) e do portal Filme B acerca dos longas-metragens brasileiros que passaram da marca de 1 milhão de ingressos vendidos, o nome Daniel Filho aparece oito vezes (!) na lista, assinando a direção de fenômenos populares rodados entre os anos 1970 e os anos 2010. Passadas cinco décadas cravadas de um desses êxitos dele (“O Casal”, visto por 1 milhão e 300 mil pagantes em 1975), o cineasta que virou o século com status de Midas, por fabricar um blockbuster atrás do outro, volta às telas no fim de semana que vem. Regressa agora só na frente das câmeras, atuando... e bem, num registro tão romântico quanto o de seu cult de outrora. Com estreia marcada para o dia 30, “Vida a Vida” põe Daniel Filho no papel de Ulisses, o dono de um antiquário de onde uma funcionária, a jovem Jéssica (Thati Lopes), parte mundo afora, até Israel, para desvendar o segredo de um medalhão. Um primo distante, Gabriel (Rodrigo Simas), será seu aliado (e algo mais) nessa missão, levada às telas pela cineasta Cris D’Amato, a partir de um fino roteiro de Natalia Klein. Seu lançamento deflagra uma ciranda de filmes inéditos que têm o realizador de “Tempos de Paz” (2009) no elenco, em papéis de destaque.

“Eu estou aqui, pronto e disponível, pois quero ir embora filmando”, diz Daniel, em conversa via Zoom de Nova York, com o Correio da Manhã.

No fim de 2024, o Festival de Brasília teve a chance de conferir sua participação em “A Fúria”, de Luciana Mazzotti e Ruy Guerra, que compõe uma trilogia com “Os Fuzis” (1964) e “A Queda” (1978). Será visto ainda em “Resta Um”, distopia de Fernando Ceylão, e “(Des)Controle”, de Rosane Svartman, com Carolina Dieckmann e Ireve Ravache.

“Daniel Filho é um acontecimento na frente e atrás das câmeras”, diz Rosane. “Genial e genial, ele entende muito de cinema. Foi um desafio gratificante, como diretora, ter o Daniel no set”.

Responsável por modernizar a televisão brasileira, em seu histórico de diretor na TV Globo, no comando de coqueluches midiáticas como “Malu Mulher” (1979), Daniel Filho tem parcerias com titãs do Cinema Novo em seu currículo como ator. Interpreta Vavá em “Os Cafajestes” (1962), do já citado Ruy

Guerra, e vive Leleco em “Boca de Ouro” (1963), de Nelson Pereira dos Santos (1928-2018). Foi ainda o Geraldinho de “Chuvvas de Verão”, de Cacá Diegues. Na TV, fez miocárdios brasileiros saltitarem pelo ardor da democracia como Bergeron na novela “Que Rei Sou Eu?” (1989). Mesmo com toda a experiência que tem na bagagem, ele regressa aos sets na sanha de aprender o que as novas tecnologias da imagem podem oferecer.

“Daniel é meu pé de coleho. Eu não faço filme nenhum sem pedir que ele leia o projeto”, diz Cris D’Amato. “Ele sabe muita coisa e, por isso, para ele, eu sempre abro os ouvidos”.

Produtor de Cris em “Viva a Vida” e na milionária cinessérie “S.O.S. Mulheres ao Mar” (2014-15), Julio Uchôa concorda com a cineasta em relação à potência que Daniel Filho tem.

“Ele me ensinou a não ter medo do tamanho de um projeto e a jogar fora roteiros inteiros no lixo se não parecerem bons à altura do que o cinema necessita”, diz Uchôa.

Em 2025, em meio a muitas aparições

na telona, Daniel Filho, hoje com 87 anos, celebra as duas décadas de sucesso de “Se Eu Fosse Você” (2005), comédia que inaugurou a febre chamada de neochanchada, lotando o circuito. Na entrevista a seguir ele lembra esse acerto, entre muitos. Depois de ter lançado “Boca de Ouro” (2019) e “O Silêncio da Chuva” (2021), em seguida, ele tem um novo longa para filmar. No papo a seguir, ele adiante o que é:

Como você vê essa retomada contínua de sua trajetória como ator?

Daniel Filho: Tenho dois projetos de cinema para dirigir, que é um remake do meu filme “O Casal” e uma adaptação da peça “Toda Nudez Será Castigada”, do Nelson Rodrigues. Só que com a Ancine parada, sigo esperando, com paciência, para ver como as coisas vão ficar. Nessa espera, o cinema está explodindo. Quando a gente estava feliz com os 2,2 milhões de ingressos vendidos por “Minha Irmã E Eu”, veio “Ainda Estou Aqui”, com a consagração da Fernandinha (Torres) pelo mundo, e o êxito de Guel (Arraes e Flávia Lacerda) em “O Auto da Compadecida 2”. Teve ainda o “Malu”, que eu adoro. Nesse momento em que estou sem filmar, cheio de projetos e desejos de dirigir, passei a rever a vida e a lembrar que eu sou ator. Quero que as pessoas se lembrem de mim e não me deixem de molho. A gente não tem que dar prova de vida pros bancos, quando chega a uma certa idade? Então, quero provar nas telas que eu estou aqui. Estou bem de cabeça e me locomovo bem. Além disso, eu sou viciado em set. Estou louco por novos convites.

O que falta para o seu “Toda Nudez Será Castigada” começar a ser rodado?

A ideia seria filmar no primeiro semestre, mas tudo agora depende de quando o dinhei-

ro vai sair. Não sei quanto dinheiro eu vou ter, o que me leva a não me comprometer, ainda, com uma atriz para viver a protagonista, Geni, embora eu já tenha alguns nomes na cabeça, para não prender uma artista. Enquanto isso, estou relendo o texto da peça homônima do Nelson Rodrigues para saber o que eu vou fazer. Estou feliz com o projeto, sobretudo por acreditar que Nelson deve ser filmado eternamente. Ele mantém a nossa cultura viva. O que eu preciso é saber como eu comunico um texto como “Toda Nudez...” com o hoje. O cinema sempre reflete o momento que você está filmando. Pode ser um filme sobre a vida do (guerreiro mongol) Genghis Kahn, mas ele vai ter reflexos do presente. “A Vida de Cristo” que se filma hoje será diferente de um “A Vida de Cristo” filmado no passado, por carregar ecos do presente.

Muitos contemporâneos seus - vários cineastas já na casa dos 70 anos - reclamam que estão sendo preteridos na atual política de cultura dos editais brasileiros. Você acredita que este seja o seu caso em seu ofício de realizador?

Há pouco tempo (em 2022), eu ganhei o Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, o troféu Grande Otelo, de Melhor Direção, por “O Silêncio da Chuva” (que fez sua estreia mundial no Festival de Moscou), e, mesmo assim, fiquei parado, sem conseguir recursos de que preciso para filmar. Tem muita gente hoje que não sabe mais quem eu sou. A falta de memória é um problema da cultura brasileira. Isso vale até para a TV Globo. Dos anos 1990 para baixo, muita gente não sabe o que foi feito de bom por lá. Hoje, o lançamento mais importante da emissora é um remake (da novela “Vale Tudo”, de 1988). No meu tempo lá, a gente só fazia remake quando havia problema de produção, ou censura. Ou-

Mariana Vianna/Divulgação



tro dia, falando com o Boni (executivo hoje aposentado responsável pela consagração do império global), eu me perguntei: “Será que a gente não explicou direito o que eles devem fazer?”. Se a gente tá perdendo muito na televisão, pelo menos o cinema está aí, forte. Você vê um caso como o “Malu”, um filme contado com o coração, e nota as possibilidades boas que temos.

Qual é o maior problema que você enxerga hoje na gestão da Margareth Menezes no Ministério da Cultura?

Gestão. Não adianta o governo dar só R\$ 50 mil pra uma pessoa fazer um filme sem ter a noção do tempo que demora o processo de filmagem e do tanto de gente que passa a ser empregada para um set ficar de pé. Não por acaso, nos tempos do inominável (Jair Bolsonaro), a gente dizia, nos créditos de nossos longas, quantos empregos geramos, para pararem de dizer o absurdo de que mamamos nas tetas da leis. Sabe do que eu sinto falta hoje? É de termos uma liderança como a do Luiz Carlos Barreto, produtor que ainda está aí, mas não está

mais na frente, no front. Estamos precisando de um líder com a coragem e a disposição do Barretão.

Você fala da carência de lideranças, mas aponta com destaque o momento de bonança popular do nosso cinema, sobretudo com todo o agito do Oscar em torno de “Ainda Estou Aqui”. Como vê a consagração do filme, que já bateu 3,5 milhões de pagantes?

Para além da grande qualidade do filme, tem a Fernandinha (Torres). Depois do lin-

chamento por que a gente passou em anos recentes, na arte, o que a Fernandinha tem feito pela cultura brasileira, no mundo, é excepcional. Desde Carmen Miranda, ninguém teve uma repercussão tão forte. Sempre simpática e elegante, ela faz o mundo dar atenção para o filme e para o Brasil.

Estima-se que “Viva a Vida”, que estreia semana que vem, tenha um impacto popular forte, nessa leva de boas bilheteiras. Como é a sua parceria com a diretora do longa, Cris D’Amato, que já foi sua assistente?

A Cris D’Amato é uma irmã. Ela fica tão preocupada quando sabe que eu vou filmar que sempre arruma um tempo para estar comigo, mesmo sem me perguntar do que eu preciso. Já abriu até data na agenda para estar comigo no projeto “Toda Nudez Será Castigada”.

A franquia “Se Eu Fosse Você”, inaugurada por você em 2005, está completando 20 anos. Foi um dos maiores fenômenos da Retomada. O primeiro vendeu 3,6 milhões de tíquetes e o segundo, de 2009, vendeu 6,1 milhões de entradas. Que importância esse sucesso tem para a sua trajetória como cineasta?

Foi uma alegria fazer um filme pensando no público, calcado em grandes atores que conseguiam fazer humor sem se basear na palhaçada para isso. Não era eu que ia dirigir, inicialmente, mas, sim, o Jorginho Fernando. Acabou que eu entrei, em cima da hora, e escalei a Glória Pires e o Tony Ramos, que não sabiam que tinham humor. Para o segundo, eu estudei muito, tecnicamente, “O Poderoso Chefão 2”. Queria entender o que o mestre Francis Ford Coppola fez no que é considerada uma sequência perfeita.

Falando em estudar exemplos de prestígio, temos o Oscar 2025 chegando no dia 2 de março. Além de “Ainda Estou Aqui”, que filmes te impressionaram bem?

A única atuação que é páreo para a da Fernandinha é a da atriz (Mikey Madison) do “Anora”, de que eu gosto muito. Seu diretor, Sean Baker, que já havia me impressionado no “Projeto Flórida” e no “Tangerina”, fez algo próximo de Billy Wilder nessa sua comédia. Tem “A Semente do Fruto Sagrado” nesse Oscar e é um filme impressionante, vindo do Irã. Tem ainda o indiano “Tudo Que Imaginamos Como Luz”, que também me impressionou. A cinebiografia do Bob Dylan, “Um Completo Desconhecido”, é um filme muito bom, com Timothée Chalamet numa grande atuação.

A revolução das gargalhadas

Shows de humor estão hoje entre os maiores sucessos do entretenimento brasileiro e Rio recebe comediantes de várias gerações e estilos no 2º Festival O Humor Contra-Ataca

Embora não marque presença na TV aberta, o humor está em alta. Que o diga o sucesso de espetáculos de stand-up Brasil afora e os expressivos números de seguidores que artistas do filão acumulam nas redes sociais. Pelo segundo ano seguido, o Qualistage franqueia seu palco para a realização do 2º Festival Humor Contra-Ataca.

O evento é fruto de uma parceria entre casa de espetáculos da Barra da Tijuca e a atriz e humorista Renata Castro Barbosa, que assina a curadoria do evento.

A primeira edição do festival lotou o espaço (com capacidade para 3,5 mil pessoas) todas as noites com nomes como Nany People, Flávia Reis, Rafael Portugal, Paulinho Gogó e Os Melhores do Mundo.

Renata Castro Barbosa relembra os desafios da primeira edição e destaca os ajustes para o novo formato. “Sabíamos que tínhamos nomes grandes e que provavelmente conseguiríamos um bom público. Mas, em janeiro, no meio do verão, com o Rio fervilhando, era um desafio. O resultado foi surpreendente! Ver a Nany People, por exemplo, fazendo show pela primeira vez numa casa desse tamanho, com o público cantando e rindo com ela, foi sensacional”.



Giovana Fagundes

Divulgação



Hélio De La Peña

Divulgação



Bruna Louise



Rafael Infante



Fábio Porchat

Agora, o Humor Contra-Ataca Vol. 2 traz uma programação robusta ao longo de oito sextas-feiras, a partir deste dia 24 - com uma pausa para o Carnaval - reunindo veteranos e grandes promessas da cena humorística.

Rafael Infante abre a programação do festival com “Terapia Infernal”. Idealizada e protagonizada por Infante, a peça explora um enredo instigante, sensível e, claro, divertido. Na trama, o Diabo, vivido por Infante, recebe permissão divina para descer à Terra e analisar a humanidade de perto. Em um divã, ele questiona sua própria função e a dos humanos, trazendo à tona observações profundas e cômicas sobre a condição humana. Giovana Fagundes abre a noite.

O evento ainda terá apresentações de Bia Guedes, Bruna Louise, Fábio Porchat, Fábio Rabin, Felipe Couceiro, Gui Albuquerque, Hélio De la Peña, Marco Luque, Os Melhores do Mundo, Paulinho Gogó, Priscila Castello, Rodrigo Marques, Tatá Mendonça e Thiago Bobs.



Divulgação

Os Melhores do Mundo

Conexão com o público, a receita do sucesso

Divulgação



Marco Luque

Nos últimos anos, o cenário do entretenimento brasileiro tem visto um fenômeno crescente: os shows de humor. Comediantes que antes eram figuras de destaque apenas em programas de televisão agora se consolidam como verdadeiras estrelas, esgotando grandes casas de show e atraindo um público fiel e diverso.

Em teatros e casas de espetáculos, com ingressos esgotados em questão de horas, a plateia se reúne para rir e relaxar, buscando uma pausa na rotina agitada. Mas o que explica esse sucesso estrondoso? Especialistas em comportamento do consumidor apontam para uma confluência de fatores que elevaram o humor a um novo patamar, conquistando um público cada vez maior.



Divulgação

Priscila Castello Branco

Hemilly Góes/Divulgação



Divulgação

Tatá Mendonça

A identificação do público com os comediantes desempenha um papel crucial nesse cenário. Muitos artistas abordam temas cotidianos, questões sociais e até situações políticas de forma leve e acessível, permitindo que o público veja suas próprias experiências refletidas nas piadas. Isso cria uma conexão profunda, onde o espectador não apenas assiste ao show, mas se sente parte dele.

Outro ponto é a diversidade de estilos que o humor atual oferece. Desde o stand-up tradicional até as comédias de improviso, há espaço para diferentes formas de expressão cômica. Comediantes têm se destacado por seus perfis únicos, atraindo públicos variados em faixa etária e preferências, mas que compartilham a busca por uma boa risada.

As redes sociais e plataformas de streaming também transformaram a forma como o humor é consumido. Vídeos curtos e esquetes virais são amplamente compartilhados, criando uma base de fãs sólida que se desdobra em plateias ao vivo. Esse fenômeno ajuda a manter os comediantes em evidência, tornando-os acessíveis e relevantes.

Alguns números impressionam: Marco Luque tem 4,8 milhões de seguidores, Bruna Louise soma 6,3 milhões, Rodrigo Marques concentra 2,3 milhões, Paulinho Gogó possui 2 milhões de seguidores, Fábio Rabin ultrapassa 1 milhão, Rafael Infante acumula 826 mil e Os Melhores do Mundo têm 433 mil, só para ficar em alguns exemplos.



Paulinho Gogó

Divulgação



Fábio Rabin

SERVIÇO

2º FESTIVAL O HUMOR CONTRA-ATACA Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca | Até março, às sextas-feiras (21h) | Ingressos a partir de R\$ 45 (meia) e R\$ 90

SHOW**ROBERTO MENESCAL E LEILA PINHEIRO**

*Um dos principais nomes da Bossa Nova une-se à cantora que ele revelou para celebrar os 65 anos do gênero brasileiro que ganhou o mundo. Sáb (25), às 20h e 22h30. Blue Note (Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 120

JOYCE MORENO

*Seguindo com o projeto "Terças no Ipanema", a cantora e compositora se apresenta com dois novos convidados: o bateriusta Tutty Moreno e o contrabaixista Jorge Helder. Ter (28), às 20h. Teatro Ipanema (Rua Prudente de Moraes, 824). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

TRIBUTO A TOM JOBIM

*O violonista e cantor Cello Cascino com seu trio formado por Rodrigo Villa (contrabaixo) e Paulo Diniz (bateria) juntam-se à cantora e pianista Julie Wein, para um show em homenagem à Tom Jobim, na semana do aniversário do nosso Maestro Soberano. Dom (26), às 19h. Blue Note (Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 120

ALMIR CHIARATTI

*O cantor e compositor apresenta com o colega Antonio Macalão um show que une música e poesia. Sáb (25), às 20h. Areninha Jacob do Bandolim (Praça do Barro Vermelho, s/nº - Jacarepaguá). Grátis

DANÇA**ENQUANTO VOCÊ VOAVA, EU CRIA-VA RAÍZES**

*O trabalho mais recente da dupla André Curti e Artur Luanda Ribeiro, da Cia Dos à Deux, une dança, teatro, circo, artes cênicas, mímica e artes plásticas. Até 23/2, de qui a sáb (20h) e dom (18h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória). Entre R\$ 40 e R\$ 120

TEATRO**MARTINHO, CORAÇÃO DE REI**

*Um time de 20 atores-cantores-bailarinos e oito músicos dá vida à história de Martinho da Vila em musical com texto de Helena Theodoro e direção de Miguel Falabella. Até 23/2, de qui a sáb (2h) e dom (19h). Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38). Entre R\$ 39 e R\$ 200



Nefelibato

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Júlio Andrade/Divulgação



Martinho - Coração de Rei

NEFELIBATO

*Empresário perde sua fortuna, família e amigos após o episódio do confisco da poupança nos anos 1990 e passa a viver nas ruas. Até 6/2, qua e qui (19h). Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179 - Centro). R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

AS ARTIMANHAS DE MOLIÈRE

*Monólogo mescla quatro peças do célebre dramaturgo francês. Até 9/2, sex e sáb (19h) e dom (18h). Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179). R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

MEU CARO AMIGO

*Professora tem a vida embalada pelas canções de Chico Buarque. Até 25/2, seg e ter (19h). Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, 1). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Carolina Werneck/Divulgação



Julie Wein

Marcus Veras/Divulgação



Joyce Moreno

Manuel Águas/Divulgação



Entressafra

MALDITA

* Trechos das tragédias gregas “Édipo Rei”, “Antígona” e “Sete Contra Tebas”, de Sófocles e Ésquilo, são explorados num experimento cênico que usa e abusa da comicidade contemporânea. Até 2/2, às sex e sáb (20h e dom (19h)). Teatro Municipal Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269 - Leblon). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

ENTRESSAFRA

* Nesta versão teatral de seu livro homônimo, a atriz e escritora Isabel Guéron narra com muito humor as situações cotidianas enfrentadas pelos artistas naquele período entre um trabalho e outro. Até 2/1, qui a dom (20h). Espaço Abu (Av. Nossa Senhora de Copacabana, 429 - Loja E). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Fabrine Reis/Divulgação



Marginal Genet

Júlio Andrade/Divulgação



Almir Chiaratti e Antônio Macalão

MARKU MUSICAL

* A vida, obra e legado do cantor e compositor Marku Ribas (1947-2013), um estudioso da herança africana, são celebrados neste musical que reúne suas filhas Júlia e Lara e sua viúva. Até 2/2, de qua a sáb (19h) e dom (18h). Teatro I - Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

MARGINAL GENET

* A dramaturgia de Francis Mayer inspira-se em passagens do cultuado ‘Diário de um Ladrão’, de Jean Genet, autor transgressor que viveu no submundo parisiense até ser descoberto por Albert Camus e Jean Paul Sartre. Até 31/1, qui e sex (20h). Cine Teatro Joia (Av. N. S. Copacabana, 680). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

DETALHES DE NÓS DOIS

* Helga Nemetik e Pedro Henrique Lopes encenam este delicado musical que resgata o cancionero romântico de Roberto Carlos, capaz de embalar romances há várias gerações. Até 12/2, ter e qua (20h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória). Entre R\$ 20 e R\$ 90

NÃO ME ENTREGO, NÃO!

* Othon Bastos, o maior ator brasileiro vivo, aos 91 anos, retoma a temporada do solo em que arrebatou plateias com episódios de sua vida carreira. Direção de Flávio Marinho. Até 23/2, qui (17h), sex (20h), sáb (19h) e dom (20h). Teatro Vanucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 3º piso). R\$ 150 e R\$ 75 (meia)

MATA TEU PAI

* Indicada como melhor atriz ao Prêmio Shell 2024 por sua atuação em “Último Ensaio”, Debora Lamm está de volta ao teatro em monólogo que desconstrói o mito trágico de Medeia. Até 26/1, às sex e sáb (20h) e dom (19h). Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto (Rua Humaitá, 163). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

EXPOSIÇÃO**GEOMETRIA INQUIETA**

* Retrospectiva mapeia o percurso trilhado pelo escultor Ascânio MMM, cuja obra é marcada por uma estética minimalista e geométrica. Até 30/3, de ter a dom (12h às 18h). Casa Roberto Marinho (Rua Cosme Velho, 1105). R\$ 10, R\$ 5 (meia) e grátis (quartas-feiras)

FULLGÁS - ARTES VISUAIS E ANOS 80 NO BRASIL

* Coletiva que reúne mais de 300 obras e instalações de 200 artistas de várias regiões que oferecem um panorama diversificado do que era o Brasil na conturbada década de 1980. Até 27/1, qua a seg (9h às 20h). CCBB-RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

DEVANEIOS DE UM CAMINHANTE SOLITÁRIO

* O artista plástico campista Edmilson Nunes apresenta nesta individual alguns trabalhos de sua produção mais recente. Em cartaz na Real Galeria de Arte Contemporânea (Av. Princesa Isabel, 500). Até 31/1, de seg a sex (12h às 17h). Grátis

Ira Barillo/Divulgação



Carolina Godinho, Dani Nega, Jasmin Patacho, Jessica Lamana, Monique Vaillé, Nely Coelho e Verônica Bonfim integram o elenco de 'Zona Lésbica', escrito por Verônica

Atriz, dramaturga, escritora, cantora e compositora criou o espetáculo 'Zona Lésbica'

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

Verônica Bonfim, já traz no nome arte, a força maior de transformar, a coragem de emprestar persistência ao espetáculo, mesmo os mais difíceis, Valha-me Verônica, valha-me meu senhor do Bonfim. Verônica é doutora em engenharia florestal, o que já lhe dá o conhecimento e vocação para plantar as melhores sementes e colher frutos dos melhores.

Multiartista na real: escreve, dirige, produz, canta, dança, representa. Provoca novidades, é bordadeira de palavras como lhe disse, outra multiartista, Natasha Corbelino. Verônica conversou com exclusividade com o Correio da Manhã, sobre a sua trajetória de Itabuna, no Sul da Bahia, ao Rio e até sobre seus dias futuros.

Você é de uma família interracial baiana. Conte-nos um pouco...

Verônica Bonfim - A família paterna é toda de Salvador. A família minha mãe de Corentina, no oeste da Bahia. Eu e minhas irmãs fomos criadas no sul da Bahia, Itabuna e Ilhéus. Foi uma infância muito feliz, permeada por muita violência doméstica, mas nunca nos faltou nada. Meu pai sempre nos proveu de tudo, principalmente dos estudos, Sou fruto de uma família interracial. Meu pai era negro, e minha mãe é branca, filha de negros e com indígenas lá do oeste da Bahia. Uma mulher muito forte, de muita fibra, que foi minha mãe. Meu pai também, a partir da educação que me proporcionou, muito batalhador, nunca teve o que comer e se tornou médico. Valores mais lindos e mais incríveis que tenho com minhas irmãs, foi minha mãe. Me inspiro muito nos dois. Na meu pai era um excelente profissional, já fez a passagem. E minha mãe nos criou com muito amor. Somos quatro irmãs que nunca brigamos, nunca ficamos sem nos falar. Fui criada num ambiente que sempre ouviu muita música boa, cercada de muita cultura.

E como você começou a representar?

Muito jovem, criava várias personagens em casa para poder alegrar minha mãe e as

irmãs, fazê-las rir. Quando minha mãe estava muito triste, depois de mais uma surra, que às vezes tomava de meu pai, inventava coisas. Ia no guarda-roupa dela, tirava tudo, me maquiava, me montava inteira e assim nasceu minha primeira personagem, Lilith Power, da Divosa dos Babás, de plumas e paetês. Ela nasceu com esse nome. Achava que ia ser artista, mas queria trabalhar com meio ambiente, talvez violonista, gostava muito de violão. Começo pela música e aqui no Rio me encontro com teatro profissionalmente, a partir do Tã na Rua. Trabalhei 10 anos com Oswaldo Montenegro. Foram trilhas, filmes, séries, teatro. Essa foi a minha grande escola.

Lá no começo de tudo você chegou a participar de um reality show musical, o Fama. O que aconteceu depois?

Eu fiz esse programa na Globo e saí na sexta semana. Isso virou uma chave na minha cabeça. Terminando meu doutorado, levando a carreira artística como cantora e compositora em paralelo. Venho pro Rio, me envolvo com teatro, gravo um disco chamado "Olhos da África", autoral. Vou para a África quatro vezes. Vou até ao Paquistão com o meu trabalho como cantora, compositora.

Hoje a cantora está talvez um pouco mais a serviço da atriz nos palcos, na cena, na performance. Quero muito retomar esse ano, também, com o meu trabalho autoral em música.

E como você começou a escrever?

Foi a primeira forma que eu encontrei de poder quebrar o silenciamento de uma vida inteira. Comecei pela poesia, escrever dramaturgicamente veio com o meu livro infantil, !A Menina Aquiles e o Seu Tambor Falante", já pensando em transformar num musical. Texto, dramaturgia, músicas, tudo assinado por mim, direção artística também. Convidei o Rodrigo França, ele fez a direção, com a Valéria Munan, que faz a co-direção. Ganhamos o APTR como Melhor Musical Infantil Juvenil, já estava começando a escrever algumas performances. Chego à minha quarta dramaturgia, que é o "Zona Lésbica", texto e dramaturgia são meus, e músicas também originais, com a Dani Negas, sendo que duas com ela e uma é minha, que eu já tinha, que canto no espetáculo.

E o futuro a que deus pertence?

Estou tentando retomar o meu projeto infantil com "A Menina Aquiles e o Seu

Tambor Falante". Tenho mais dois projetos infantis aprovados pela Lei Rouanet, mas, infelizmente, como artista negra, lésbica, independente no Brasil, é muito difícil captar. Um infantil para falar com as crianças e famílias sobre condições neurológicas, autismo, TDA, TDAH, a partir da brincadeira, de uma forma muito afetuosa e amorosa. Falar de Lecy para as crianças, o livro se chama "Lecy e as coisas que mamãe me ensinou". Para adulto, tem a minha performance, "Delícias Lésbicas", que transformei num espetáculo teatral que se chama "Tudo Sobre O Amor", baseado também, inspirado no livro da Bell Hooks, para falar sobre o amor entre mulheres pretas, que é um espetáculo que quero muito conseguir aprovar em algum edital. Os planos para o futuro estão cada vez mais nos meus trabalhos autorais.

SERVIÇO

ZONA LÉSBICA

Teatro II - Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)

Ingressos gratuitos (disponíveis na bilheteria física ou no site do www.bb.com.br/cultura)

CRÍTICA / TEATRO / OS IRMÃOS KARAMAZOV

A trilogia freudiana está completa

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

“Os Irmãos Karamazov”, de Fiódor Dostoiévski (1821-1881), é uma das mais importantes obras das literaturas russa e mundial, ou, conforme afirmou Sigmund Freud. Ao fundar seu conceito do Complexo de Édipo, o pai da psicanálise aponta três obras: “Édipo Rei”, “Hamlet” e “Os Irmãos Karamazov”. Com a adaptação do romance para o teatro, a trilogia freudiana se completa com a fundamental encenação dos relacionamentos.

A adaptação de Caio Blat e Manoel Candeias é resultado de 10 anos de estudo da obra, com direção de Marina Viana e Caio Blat, se passa em algum lugar do passado, do presente, do futuro, pois a dramaturgia está fundamentada nas várias vozes que compõem a narrativa, que funcionam como uma orquestra que compõem uma sinfonia.

A intensidade original é, com total acerto, substituída por um elemento que só pode ser utilizado no teatro. Assim, Babu Santana faz o oligarca russo, Luisa



Lorena Zchaber/Divulgação

A adaptação teatral de ‘Irmãos Karamazov’ é fruto de 10 anos de estudo de Caio Blat e Manoel Candeias sobre a obra do consagrado autor russo

Arraes é ao filho mais velho, Pedro Henrique Muller, com destaque em seus dois papéis Grushenka e Gregório, apontam

que o drama não tem gênero, nem idade, nem classe social. Há apenas teatro puro e simples.

Tanto os deslumbrantes figurinos brancos de algodão, feitos de retalhos, de Isabela Capeto, são abundantes, envolvem os corpos, adicionam uma camada que nos mostra que a roupa, o que sobrepomos sobre nossa essência, nada mais é do que um figurino fantasia.

O tom de se pensar que os conflitos, os encontros, os desencontros, a violência afetam qualquer pessoa ficam alicerçadas na equipe competente, que se permite explodir em todos os detalhes de criatividade: Amália Lima, a direção de movimento; Arthur Braganti, a direção musical e trilha sonora original; Gustavo Hadba e Sarah Salgado, o desenho de luz; Moa Batsow, a cenografia; Raissa Couto, a acessibilidade criativa; com a direção de produção da corajosa Maria Duarte.

SERVIÇO

OS IRMÃOS KARAMAZOV
Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
Até 26/1, de quarta a domingo (20h)
Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 7,50 (associado Sesc)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Vamos falar de HIV

A Sede da Cia dos Atores recebe neste fim de semana, de sexta a domingo, o espetáculo “Cuidado Quando For Falar de Mim”, idealizado e dirigido por Ricardo Santos e indicado ao Prêmio Shell 2019. O projeto traz à cena questões urgentes sobre o HIV, seus impactos, avanços da medicina e o estigma social ainda associado ao tema. Após cada apresentação, o público é convidado a participar de rodas de conversa. O espetáculo nasceu a partir de encontros na ONG Grupo Pela Vidda, onde Santos ministrou um workshop teatral.

Nando Machado/Divulgação

Paulo Aragon/Divulgação



Cangaceiras premiadas

Com a direção competente de Rafaela Amado, “As Cangaceiras - O Musical”, texto do premiado autor pernambucano Newton Moreno, está em cartaz no Teatro dos Quatro, às terças e quartas-feiras, às 20h. O espetáculo acompanha a saga de Serena, uma mulher do cangaço que busca encontrar seu filho. O musical é um dos melhores espetáculos dos últimos anos, sendo indicado ao Prêmio Shell 2019 na categoria de melhor dramaturgia e ao Bibi Ferreira 2019 em 10 categorias, além de vencer o prestigiado Prêmio APCA de melhor dramaturgia.



Divulgação



Nós da arte

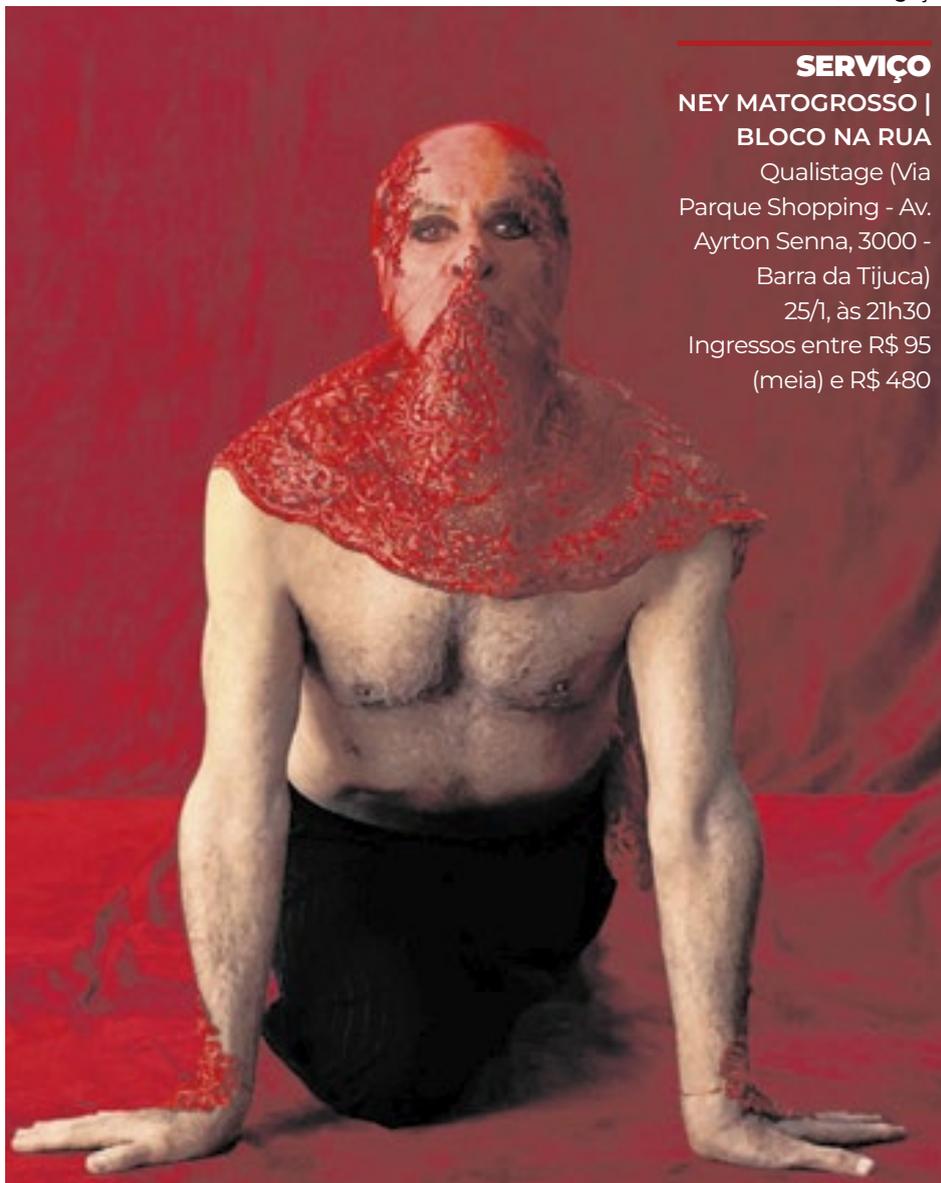
Nascido no Vidigal e ceireiro de grandes artistas e técnicos de teatro, cinema e TV, o grupo Nós do Morro completa 38 anos apresentando em sua comunidade com uma programação especial que marca a consolidação da retomada das suas atividades, a instituição promove a Mostra de Teatro 38 Anos, evento que se realiza na sede do grupo até 16 de fevereiro. Serão apresentados quatro espetáculos, sendo o primeiro deles a peça “Nosso Quintal é Maior que o Mundo”, com direção de João Vitor Nascimento, de sexta a domingo (24 a 26), sempre às 19h.

Ney põe o bloco na rua

Cantor volta ao Rio com show da elogiada turnê iniciada há seis anos

Após uma trajetória de sucesso desde sua estreia no Rio, há seis anos, a turnê “Bloco na Rua”, de Ney Matogrosso volta ao palco do Qualistage neste sábado (25), às 21h30. Com plateias lotadas no Brasil e no exterior, incluindo um show consagrador no Rock in Rio 40 anos e uma apresentação no Allianz Parque, em São Paulo,

Ney continua encantando o público com sua performance de palco do alto de seus 83 anos. A turnê, que foi temporariamente interrompida pela pandemia, retornou com força total, trazendo canções que misturam



Ney Matogrosso: ‘Não é um show de sucessos meus, mas quis abrir mais para o meu repertório. Dessa vez eu misturei coisas que já gravei com repertório de outras pessoas’

Bob Wolfenson/Divulgação

SERVIÇO
NEY MATOGROSSO |
BLOCO NA RUA
Qualistage (Via Parque Shopping - Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca)
25/1, às 21h30
Ingressos entre R\$ 95 (meia) e R\$ 480

sucessos já gravados por Ney e obras de outros artistas. O repertório inclui clássicos como “Eu Quero É Botar Meu Bloco na Rua” (Sérgio Sampaio), “A Maçã” (Raul Seixas), “Jardins da Babilônia” (Rita Lee / Lee Marcucci), “O Beco” (Herbert Vianna) e “Sangue Latino” (Paulo Mendonça / João Ricardo), do lendário álbum dos Secos e Molhados, o grupo que projetou o artista nos anos 1970. Duas canções foram pinçadas do compacto duplo “Ney Matogrosso e Fagner”, lançado em 1975: “Postal de Amor” (Fagner/Fausto Nilo/Ricardo Bezerra) e “Ponta do Lápis” (Clodô/Rodger Rogerio). Outro clássico que Ney nunca havia cantado, “Como 2 e 2” (Caetano Veloso) também está no roteiro.

“Não é um show de sucessos meus, mas quis abrir mais para o meu repertório. Dessa vez eu misturei coisas que já gravei com repertório de outras pessoas”, explica o cantor.

O show também impressiona na parte visual. A estatueta, sempre aguardada pelos fãs, foi criada pelo estilista Marcos Paulo, enquanto o cenário é contratado por Batman Zavareze, videografismo por Eduardo Souza e vídeos adicionais de Luiz Stein, com projeções que compõem a atmosfera. A iluminação, comandada por Juarez Farinon e Arthur Farinon, conta com a supervisão minuciosa de Ney.

A banda que acompanha o artista é composta por músicos de excelência: Sacha Amback (direção musical e teclados), Marcos Suzano (bateria e percussão), Felipe Roseno (percussão), Dunga (contrabaixo e vocal), Tuco Marcondes (guitarra e vocal), Aquiles Moraes (trompete e flugelhorn) e Everson Moraes (trombone).

Chico César revê seu magnífico álbum de estreia

Cantor e compositor lança turnê comemorativa dos 30 anos de ‘Aos Vivos’

O ano era 1995 e Chico César trazia ao mundo “Aos Vivos”, seu impecável álbum de estreia. Trinta anos depois, o disco, hoje um clássico da MPB, ganha turnê de celebração com lançamento neste sábado (25) no Circo Voador. Acompanhado do grupo Nova Orquestra, Chico canta na íntegra o icônico trabalho, além de outros sucessos da carreira.

“Aos Vivos” marcou o surgimento de Chico César como artista para o grande

público, saindo do seu nicho considerado cult e underground da noite paulistana. Na primeira música do disco, “Beradêro”, o paraibano apresenta uma canção aboio, gênero passado entre gerações de vaqueiros do sertão. Na sequência, já temos dois grandes sucessos “Mama África” e “À Primeira Vista”, em versões espontâneas e intimistas. Segue-se então um desfile de músicas autorais, como “Saharienne”, “Mulher Eu Sei” e “Clandestino”, junto a parcerias e interpretações de outros artistas, como em “Paraíba”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, e “Alma Não Tem



Chico César vai cantar seu 1º álbum na íntegra neste sábado

José de Holanda/Divulgação

Cor”, de André Abujamra.

O cantor vem acompanhado pela primeira vez pela Nova Orquestra. Formado por jovens talentos que acreditam no repertório popular como porta de entrada para a música clássica, o grupo propõe uma visão moderna sobre a adição de elementos da música de câmara aos sucessos do artista paraibano.

Abrindo os trabalhos, o cantor e compositor Escurinho - nascido em Serra Talhada (PE), mas criado em Catolé do Rocha (PB), terra de Chico - mostra pela primeira vez no Rio sua sonoridade que mistura música indígena e africana com pitadas de rock and roll.

SERVIÇO
CHICO CÉSAR E NOVA ORQUESTRA
| 30 ANOS DE ‘AOS VIVOS’
Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)
25/1, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos entre R\$ 80 (meia) e R\$ 160

Conexão Baixada na Lapa

Trombonista Josiel Konrad recebe colegas da Baixada no Dolores Club

O cantor e trombonista Josiel Konrad se une a grandes talentos da Baixada Fluminense para um show especial no Dolores Club nesta sexta-feira (24), às 20h. Mais que um evento, a noite será um movimento em celebração à força criativa que brota além dos grandes centros, dando luz a vozes que traduzem a alma cultural da região.

“A ideia é ocupar espaços pelo centro e pela zona sul com a potência artística



Marcos Morteira/Divulgação

Josiel Konrad une a batida do funk carioca ao jazz

da Baixada e mostrar ao público toda a riqueza cultural que vem de lá. O objetivo do projeto é simples, mas potente: abrir

espaço para artistas da região e conectá-los à cena cultural da capital, unindo talentos e histórias no palco”, destaca Josiel.

Nascido e criado em Austin, Nova Iguaçu, Josiel Konrad é conhecido por sua habilidade ao unir a energia pulsante do funk carioca com a virtuosidade e elegância do jazz. Apesar de conquistar palcos no centro e na zona sul do Rio, o artista nunca deixou suas raízes. Este show reflete esse vínculo e sua visão de abrir caminhos para novos talentos. “Esse encontro não será apenas uma noite de música, mas da arte da Baixada Fluminense mostrando sua força e relevância”, defende.

Com apresentações marcadas por emoção e entrega, a noite contará também com a participação de Laizz, Douglas Bastos e Nova, artistas que representam a pluralidade musical da Baixada. Além dos shows, o evento será uma oportunidade de conexão: Josiel planeja gravar um single colaborativo com os convidados, reforçando a troca artística e o fortalecimento dos laços entre músicos.

SERVIÇO

JOSIEL KONRAD E OS ARTISTAS BXD
Dolores Club (Rua do Lavradio, 10 - Lapa)

24/1, às 20h

Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



De outro jeito

O cantor e compositor Chico Chico mostra sua boa obra autoral em show com roupagem mais suave e delicada neste sábado (25), às 21h, no Teatro Rival Petrobras, no show “Acústico”. Acompanhado do pianista Pedro Fonseca e do contrabaixista Guto Wirrti, o artista oferece novas nuances para seus maiores sucessos, além de apresentar canções inéditas, fruto de sua produção mais recente.

Divulgação



Hitmaker

Autor de hits do pop rock brasileiro, o cantor e compositor Leoni e seu filho, Antonio, apresentam-se neste domingo (26), às 18h, na Casa de Cultura Laura Alvim, abrindo a programação 2025 do Claro Verão Rio Os Leonis irão reviver alguns dos grandes sucessos do patriarca, além de lançar o single “Tenta”, em parceria com Henrique Portugal (ex-Skank), música que chegará às plataformas de áudio nesta sexta-feira (24).

Divulgação



Celso merece

O guitarrista Sérgio Rocha, ex-integrante do Baseado em Blues – um dos pilares do gênero no Brasil na década de 1990 –, prepara uma apresentação para celebrar a vida e obra de seu grande amigo e ídolo, Celso Blues Boy, falecido em 2012. Nesta sexta-feira (24), às 22h, no Coordenadas Bar, em Botafogo, o músico interpretará os maiores sucessos de Celso, lembrando momentos marcantes da história do genial guitarrista.

Divulgação



É para o Rei!

Tenor do corpo lírico do Teatro Municipal, Wladimir Cabanas apresenta nesta sexta (24), às 20h, no Teatro Dercy Gonçalves (Grajaú Country Clube) um show-tributo a Roberto Carlos. No repertório de “Salve o Rei: Uma Homenagem a Roberto Carlos”, o cantor apresenta versões de sucessos inesquecíveis de RC como “Emoções”, “Cavalgada”, “Como é Grande o meu Amor por Você” e “Outra Vez”, entre outras.

Humberto Gessinger é pop

Ex-líder dos Engenheiros do Hawaii recorda repertórios dos dois álbuns acústico da banda

Humberto Gessinger sobe ao palco do Vivo Rio nesta sexta e sábado (24 e 25) com show em formato desplugado celebrando os álbuns 'Acústico Engenheiros do Hawaii' (2004) e 'Acústico Novos Horizontes' (2007). No repertório estão os clássicos que fazem parte dos álbuns da banda que projetou o artista como um dos mais inventivos letristas do rock brasileiro como "O Papa

é Pop" e "Era Um Garoto Que Como Eu Amava Os Beatles e os Rolling Stones", além de sucessos como "Toda Forma de Poder" e "Piano Bar".

Quando anunciou a turnê, o músico comentou a motivação de tocar os dois álbuns: "Eu poderia dizer que essa turnê é pelo aniversário de 20 anos do Acústico MTV, gravado em 2004, mas na verdade é só porque estou a fim mesmo. Além dos clássicos, escrevi canções para os dois projetos, acho que tudo vai soar bacana e atual", explicou.

Cantor, compositor e multi-instrumentista, o gaúcho Humberto Gessinger, prestes a completar 40 anos de carreira, soma em seu currículo 25 álbuns lançados e 08 DVDs, que resultaram em oito discos de Ouro, 1 de Platina, 4 DVDs de Ouro e, é claro, milhares de fãs



'Poderia dizer que essa turnê é pelo aniversário do Acústico MTV, mas é só porque estou a fim mesmo'

apaixonados por sua música.

Além deste show que celebra os projetos acústicos dos Engenheiros do Hawaii, Humberto está em turnê do seu mais recente álbum de inéditas "Quatro Cantos de Um Mundo Redondo" (Deck), lançado no final de 2023, que foi gravado em Porto Alegre e na Suécia, no conhecido Estúdio Atlantis, por onde já passaram nomes como Abba, Roxette, Green Day, A-ha, Lenny Kravitz, Elvis Costello, The

Hives, entre outros.

O fim dos Engenheiros do Hawaii não se deu como uma grande ruptura, mas pela gradual desvinculação de seus membros. Em abril de 2008, a banda anunciou uma "pausa por tempo indeterminado". Essa decisão veio após um período de atividades contínuas desde o início da banda, com exceção de um breve hiato no final da década de 1990. Após a pausa, Gessinger, Carlos Maltz e Augusto Licks se

dedicaram a projetos individuais. Gessinger, por exemplo, seguiu carreira solo com grande sucesso; os outros também exploraram novas vertentes musicais.

SERVIÇO

HUMBERTO GESSINGER
Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo)
24 e 25/1, às 21 | Ingressos a partir de R\$ 70 (meia) e R\$ 140

CRÍTICA / DISCO / PROSAS

Uma experiência sensorial

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje trataremos de Prosas (independente), o primeiro álbum do Duo Conversa Brasileira, formado pela clarinetista, claronista e arranjadora Vaisy Alencar e o sanfoneiro, pianista e compositor Marcos de Sá. Ouvi-los tocar é submergir num repertório que passeia desde a música de câmara de Osvaldo Lacerda e Villani Côrtes até a música popular de Léa Freire, Carol Panesi, Fábio Leal, Luísa Mitre e Sivuca. São peças e temas brasileiros com arranjos criados a partir da instrumentação plural do duo.

Por falar em arranjo, a formação nada convencional do Conversa Brasileira propicia ao ouvinte o deleite de timbres tão variados quanto singulares, tornando a audição das dez faixas um aprazível

experimento sensorial.

"Toada" (Villani Côrtes): o clarinete inicia. O piano vem com ele e juntos interpretam um arranjo clássico do repertório de câmara, gerando já na abertura da tampa a perspectiva de momentos exclusivos.

"Passa Ponte" (Marcos de Sá): o piano abre e o choro come solto. O clarinete sola, tendo o piano a fazer-lhe a cama. Um momento ad libitum precede um improviso do piano. Logo o tema reativa o ritmo e finaliza.

"Salvia IV" (Fábio Leal): a sanfona soa bonito. Com ela o clarinete dá seus toques. Logo a peça vem pontuada por acordes ritmados. Sanfona e clarinete criam um instante de rara musicalidade timbrística.



Divulgação

"Cadenciando a Dois" (Carol Panesi): o som robusto do clarone inicia o arranjo. O acordeom brilha em acordes. Logo a melodia ganha cadência e o duo revela instantes em que os ouvidos se deliciam e têm vontade de aplaudi-los – eles têm tal segurança que se dão a um acorde perfeito ao final.

"Valsa Choro" (Osvaldo Lacerda): o piano abre e traz o clarinete. Juntos, ricos em virtuosismo técnico e em emoção, nos dão o som que criam.

"Turbulenta" (Léa Freire): clarone e acordeom vêm em duo. Espan-tosos são os resultados da junção dos timbres dos instrumentos. O tema de Léa Freire os conduz a caminhos harmônicos inusuais, trazendo um imprevisto a cada acorde. Um rallentando conduz ao final, mas não sem antes incendiar o ritmo. Meu Deus!

"Sorriso de Criança" (Luísa Mitre): clarinete e sanfona abrem. A peça, brejeira que só, se deixa descobrir alegremente. A sanfona resfolega. O clarinete tem a melodia.

"Vila" (Marcos de Sá): dando-

-se o prazer de tocar o que lhes vem à alma, o piano oferece a melodia ao clarinete. A segunda parte vem sapeca, o suingue rola, logo uma valsinha se impõe e dá vida ao tema.

"Manhã de Café" (Marcos de Sá): novamente, clarone e acordeom causam sensações de pulsante magnitude sonora. E a brasilidade revela o seu poder de ser linda em sua diversidade.

"Cabaceira Mon Amour" (Sivuca e Glória Gadelha) finaliza o CD com o quinteto Brazú Quintê, que se juntou ao duo para tocarem o arranjo de Fábio Leal, diretor musical de Prosas – álbum de estética musical lapidar. Ouça o álbum: https://open.spotify.com/intl-pt/album/5d9ple5j1B1uO-7bun0e8Sy?si=vNnpbj1_SG2ps-NrE8llmWQ

*Vocalista do MPB4 e escritor

ENTREVISTA / MARCELO MOUTINHO, ESCRITOR

'A morte, no fundo, é o esquecimento'

Leo Aversa/Divulgação

Por Olga de Mello

Especial para o Correio da Manhã

O fim de um ciclo, a continuidade da vida, uma menina carioca em crescimento, a pulsação de uma cidade ensolarada – e encalorada – com seus personagens permeiam as 38 crônicas inéditas de Marcelo Moutinho reunidas em “O Último Dia da Infância” (Malê, R\$ 62), que será lançado neste sábado (25), a partir das 14h, no Alfa Bar (R. do Mercado, 34), com o grupo Sambachaça comandando a roda de samba. A observação do cotidiano urbano por vezes ultrapassa limites, chegando a Salvador e a Buenos Aires, mas a busca do ‘flaneur’ pelas pequenas curiosidades do cotidiano irradia a beleza de cenários decadentes, porém vívidos.

O belo título se refere a uma expressão de Antônio Maria, um dos cronistas citados por Moutinho, e se refere à repentina morte de sua mãe, na crônica inicial. O tom melancólico é quebrado no último texto, em que Lia, a filha do escritor, descreve, em carta à avó, seu dia a dia, seus gostos e a dúvida em saber qual sentimento nutre por quem morreu quando era pouco mais que um bebê, há quase dez anos. “O livro começa na morte e termina na vida, começa na clausura da pandemia e termina na rua, sob a plenitude aliciante do sol”, diz Marcelo nesta entrevista para o Correio da Manhã, em que discorre sobre esse gênero literário que, para ele, sobrevive graças à Internet.

O livro abre com o relato da morte de sua mãe e se encerra com a carta de Lia para a avó que mal conheceu. Essas declarações de amor profundo a duas mulheres, uma que se foi, outra que se forma, fecham um ciclo?

Marcelo Moutinho – Fecham um ciclo e abrem outro. Nós nascemos porque outros, os que vieram antes, saíram de cena. E nossos filhos são a continuidade disso. De certo modo, neles estamos nós, os nossos pais, os nossos avós, as casas por onde passamos. Lembrar é uma forma de não deixá-los morrer, ainda que os corpos tenham perecido. A morte, no fundo, é o esquecimento.



Atualmente, os cronistas perderam espaço para os colunistas que analisam fatos. A crônica vai sobreviver nesses tempos internautas ou morrerá junto com os blogs?

São poucos os colunistas de jornal que fazem, efetivamente, crônicas. Na ampla maioria, seja nos sites, seja nos veículos impressos, as colunas estão ocupadas por artigos que comentam, de forma opinativa, as notícias do momento. A crônica hoje está muito mais presente é na Internet mesmo, sobretudo dentro das newsletters, um suporte que foi uma marca do começo dos anos 2000, depois sumiu e agora voltou com força total. Então diria que o gênero se mantém vivíssimo, apesar de tantos vaticínios de morte.

A crônica atual raramente se detém sobre peculiaridades divertidas do cotidiano. São raros os cronistas que mantêm um olhar irônico. É um reflexo da contemporaneidade mais analítica do que sentimental?

Tento me manter alheio aos modismos, que não raro rebaixam a literatura, apagando nuances e complexidades, priorizando tipos, em vez de personagens, buscando certo apaziguamento do leitor. Ao dar ao leitor o que ele já espera, produz-se uma sensação autocongratatória, às vezes bem moralizante também. Hoje o assunto é tal, amanhã se torna outro. Mas, afinal, nós escrevemos por quê? Por um ímpeto sincero, e absolutamen-

te íntimo, ou para suprir as pautas recorrentes dos suplementos culturais? A literatura é, para mim, um território de liberdade. A prevalência dos textos analíticos sobre os irônicos está ligada a uma perspectiva recente segundo a qual a análise é superior à divagação. E, quando se trata de crônica, isso está longe de ser uma verdade.

A crônica seria a maior expressão desse encantamento que nutrimos por uma cidade onde as desigualdades gritam a cada calçada, mas a alegria e festividade superam as desgraças de todo dia?

Há uma ligação profunda entre a crônica e o espaço urbano. No caso do Rio de Janeiro, talvez essa ligação seja ainda mais acentuada. Foi aqui, de José de Alencar a Rubem Braga, passando por João do Rio, Paulo Mendes Campos, Nelson Rodrigues, Clarice Lispector e tantos outros, que o gênero se formatou, ganhando as marcas singulares que o caracterizam no Brasil. E, sim, creio que esse paradoxo que fundamenta o Rio – uma cidade “bonitinha e má”, como disse o Nei Lopes – acaba por oferecer muita matéria-prima para o cronista. O Rio tem a vocação da rua, e é na rua que a crônica nasce. A história de todas as cidades pode ser contada também pela crônica. No Rio, que foi capital e centro nervoso do país, essa máxima se torna ainda mais evidente. Se o historiador ilumina os processos sob uma lente macro, o cronista vai escavar as pequenezas. Podemos analisar a reforma urbana que redundou na abertura da Avenida Central (hoje, Rio Branco) a partir dos estudos de historiadores como Nicolau Sevcenko. Mas também examiná-la sob a lente das querelas entre Lima Barreto e Coelho Neto, ou da percepção ambígua de João do Rio. São olhares que se complementam.

O calor infernal da cidade com duas estações – “Quente” e “Mais quente ainda” – torna-se personagem em um ou outro de seus textos. Como você definiria o carioca: movido ou premido pelo calor?

Movido e premido. A gente reclama, porque não é fácil mesmo, mas o calor é um elemento fundamental na relação do carioca com a rua. Gostamos de eventos ao ar livre, de mergulhar no mar, de tomar cerveja na calçada. E desaparecemos se a chuva aparece. O próprio Machado de Assis brincava com essa ideia. Em “O nascimento da crônica”, texto de 1877, ele diz que a crônica surgiu quando duas vizinhas, “entre o jantar e a merenda”, sentaram-se à porta e começaram a reclamar do calor. Onde? No Rio, é claro.

Indicações põem Eunice Paiva como protagonista do Brasil, diz Walter Salles

Walter Salles, diretor de “Ainda Estou Aqui”, celebrou as indicações ao Oscar que o filme recebeu nesta quinta-feira (23), nomeado nas categorias de melhor filme internacional, melhor atriz, pelo papel da protagonista Fernanda Torres, e melhor filme.

O cineasta brasileiro lembrou a indicação de Fernanda Montenegro, que concorreu à mesma categoria por sua interpretação em outro filme de Salles, “Central do Brasil” também indicado ao troféu de melhor filme estrangeiro, em 1999 e estendeu à conquista ao autor do livro homônimo que inspirou “Ainda Estou Aqui”, Marcelo Rubens Paiva.

“Muita alegria e emoção pela indicação tão merecida da Nanda, 25 anos depois de dona Fernanda [Montenegro], e do filme. Esse é um momento de celebração não só para todos nós que fizemos ‘Ainda Estou Aqui’, mas para toda a cultura brasileira. É o reconhecimento da literatura brasileira do livro seminal de Marcelo, da música brasileira genial de Caetano, Gal, Erasmo e Tom Zé [que integram a trilha sonora do longa], do cinema brasileiro que forma atores e artistas tão incríveis quanto os que eu tive a honra de colaborar com durante o filme”, disse Salles.

O filme acompanha a história de Eunice Paiva, papel de Torres, mulher que lutou pelo reconhecimento da morte de seu marido, Rubens Paiva, durante o

período da ditadura militar. Salles afirma que as indicações reconhecem Eunice como uma das protagonistas da história do Brasil e diz que a participação do público, que já ultrapassa 3.6 milhões de pessoas nos cinemas brasileiros, foi fundamental para ampliar a atenção sobre o filme e as indicações da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas.

“Finalmente, queria dizer que não teríamos tido essas indicações sem o apoio e a generosidade de cineastas e atrizes que abraçaram ‘Ainda Estou Aqui’, como Alexander Payne, Alfonso Cuarón, Wim Wenders, Sean Penn, Valeria Golino, Olivier Assayas, Alice Braga e muitos outros. Não fizemos propriamente uma “campanha”, e sim uma série de projeções e debates em muitos países em torno do filme. A trajetória do filme pelo mundo foi construída por uma família muito pequena de pessoas, sem festas ou jantares, falando sobre o que importa: cinema”, completou o diretor.

“Ainda Estou Aqui” estreou recentemente nos Estados Unidos, onde foi recebido com ampla aclamação da crítica. O Oscar de 2025 acontece no próximo dia 2 de março, quando serão colocados à prova os possíveis prêmios do filme nacional.



Walter Salles orienta Fernanda Torres no set de ‘Ainda Estou Aqui’. O cineasta volta a ter um filme na corrida pelo Oscar

Adrian Teijido/Divulgação

Ministério da Cultura e Petrobras apresentam

MAA Museu de Arte Moderna Rio de Janeiro

Formas das Águas

exposição
25.01 – 01.06.2025

Agrade Camiz
Aline Motta
Arthur Bispo do Rosario
Artur Barrio
Amelia Toledo
Emilia Estrada
Isa do Rosário
Jota Mombaça
Lais Amaral
Lia Mitterakis
Nádia Taquary
Renata Tupinambá
Sandra Cinto
Siwaju Lima

www.mam.rio

Organização: MAA Museu de Arte Moderna Rio de Janeiro

Patrocínio Estratégico: Rio Prefeitura

Patrocínio: BIR PETROBRAS WI

Patrocínio Institucional: Ministério da Cultura

Patrocínio: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Arte das mulheres

Exposição apresenta primeiras aquisições de museu que englobará produção feminina

Por Mayariane Castro

O Museu dos Correios, localizado no Setor Comercial Sul de Brasília, recebe a exposição “Acervo do Museu das Mulheres: Primeiras Aquisições”.

A mostra, que ficará em cartaz até o final de março, apresenta ao público obras de artistas mulheres de todo o Brasil, em vários estilos, como gravuras, esculturas, pinturas, fotografias e outros.

A exposição é uma oportunidade para conhecer um dos maiores acervos dedicados à arte feminina no país e é organizada pelo Museu das Mulheres, iniciativa que cria o primeiro museu brasileiro dedicado exclusivamente às produções artísticas de mulheres e à sua divulgação.



Divulgação

Exposição marca o início da construção do acervo da produção feminina

Jornada rumo à maior visibilidade

Objetivo é reunir obras que valorizem a produção feminina

A curadoria da exposição é de Sissa Aneleh, diretora do Museu das Mulheres, que destaca o caráter simbólico e representativo das obras expostas.

“Nesta exposição, apresentaremos as primeiras doações de obras e outros itens que inauguram o núcleo do acervo, que contribuirão para afirmarmos que, se todo acervo representa a alma do museu, nós temos a nossa alma museal com o universo feminino inteiro nela”, afirmou a curadora, que também é doutora

e mestra em Artes, historiadora da arte e professora universitária.

A exposição “Acervo do Museu das Mulheres: Primeiras Aquisições” não só apresenta o acervo inicial do museu, mas também marca o início de uma jornada para fortalecer a visibilidade e o reconhecimento da produção artística feminina. Além disso, busca sensibilizar o público sobre a importância de se preservar e promover a história das mulheres nas artes e na cultura brasileira.



Divulgação

Estilos, processos: a diversidade da produção feminina

Oficinas

A exposição, que conta com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF), também oferece uma programação paralela que inclui oficinas gratuitas, encontros com artistas e performances.

No total, serão disponibilizadas 10 vagas para oficinas, com inscrições que podem ser realiza-

das pelo site oficial do Museu das Mulheres (www.museudasmulheres.com.br) ou no Instagram (@museudasmulheres_oficial).

As oficinas, além de valorizar o trabalho das artistas, buscam engajar o público de forma ativa, permitindo que os participantes explorem e aprendam sobre diferentes técnicas artísticas praticadas pelas artistas em exibição.

Consagradas

A exposição reúne peças de grandes artistas consagradas, como Fayga Ostrower e Anna Bella Geiger, além de nomes importantes da arte brasileira, como Naura Timm, Marlene Godoy, Lêda Watson, Helena Lopes, Ray di Castro e Betty Bettiol. Obras que abordam diversas linguagens artísticas, como gravura, pintura, escultura, vídeo-arte e fotografia compõem o acervo que agora é apresentado ao público no Museu dos Correios.

Além de artistas consagradas, como as já mencionadas, a mostra conta com trabalhos de outras artistas contemporâneas, como Ana Brito, Bárbara Paz, Carolina Leal, Cristiane Martins, Gisel Azevedo, Léa Juliana, Lis Marina Oliveira, Lise Lobato, Patrícia Guerreiro, Renata Aguiar e Sofia Seda.

Mulher valorizada

O Museu das Mulheres, fundado em 2022, é uma iniciativa pioneira no Brasil. Seu objetivo é valorizar a produção artística, intelectual e prática das mulheres em diversas áreas, incluindo arte, cultura, literatura, educação, música e tecnologia. O museu adota um modelo híbrido de funcionamento, com atividades tanto no espaço físico quanto em ambientes virtuais, oferecendo uma programação diversificada que inclui artes plásticas, cinema, eventos e uma série de ações educativas. O projeto se propõe a impulsionar o avanço das mulheres e a valorizar o protagonismo feminino, criando uma plataforma para a expressão e a reflexão sobre o papel das mulheres nas artes e na sociedade.

O “Museu DAS”, como é conhecido, busca também adotar novas tecnologias para promover uma experiência imersiva e interativa para os visitantes.

PROJETO

Raízes do Sertão

*Uma verdadeira viagem ao coração do Nordeste está prestes a começar no Distrito Federal. O Projeto Raízes do Sertão levará, entre os dias 25 de janeiro e 13 de abril, uma rica programação cultural gratuita para 11 cidades do DF e entorno. Com palcos temáticos que homenageiam estados nordestinos, o evento, itinerante e com entrada gratuita à comunidade, oferece um mergulho nas manifestações tradicionais, como música, literatura de cordel, teatro, danças e homenagens a mestres da cultura popular.

Oficinas de capacitação

*Celebrando mais de três décadas de tradição, o 31º Festival Folclórico do Pellinsky já está em fase de preparação com uma programação de oficinas culturais. As atividades, que incluem aulas de dança e confecção de indumentárias, buscam capacitar os artistas, costureiros e artesãos do grupo, além de aproximar o público da riqueza das tradições populares brasileiras. Com o fomento da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal, o festival culminará em uma grande apresentação no dia 26 de abril de 2025, no Clube AABB, no Setor de Clubes Esportivos Sul, reunindo grupos folclóricos de todo o país.

EXPOSIÇÃO

Luzes da Coreia

*Sucesso de público no Rio de Janeiro e em São Paulo, com mais de 100 mil visitantes em cada estado, a exposição imersiva "Luzes da Coreia - Festival de Lanternas Coreanas" chega a Brasília este mês. Depois de bater o recorde de público do MAC - Museu de Arte Contemporânea de Niterói desde a inauguração do espaço projetado por Oscar Niemeyer em 1996, a mostra ocupará o primeiro piso do Shopping Pátio Brasil, convidando o público para um mergulho na milenar cultura coreana de hoje até o dia 24 de abril.

As Mulheres Cabaças

*O Memorial dos Povos Indígenas exibirá sua primeira exposição temporária no dia 28 de janeiro, com abertura a partir das 19h. O público poderá apreciar, até o dia 16 de fevereiro, as obras de As



Raízes do Sertão

Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Divulgação



Exposição Luzes da Coreia

Mulheres Cabaças, uma homenagem à ancestralidade e ao protagonismo feminino do povo Mehin (Krahô). Idealizada pela artista indígena Kessia Daline Krahô, a mostra faz parte do edital de incentivo às exposições temporárias do Memorial, promovido pela gestão do projeto educativo da ONG Amigos da Vida, que conta com recursos do Fundo de Apoio à Cultura (FAC) da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal.

Terra Planet Artes

*Moradores e turistas que visitam Brasília nesta época do ano têm até o dia 31 de janeiro para prestigiar a exposição Terra Planet Artes, aberta gratuitamente ao público na Galeria de Artes Casa Thomas Jefferson da 706/906 Sul. As visitas

Jhonnathas Franco



Show Jefferson Moraes e Clima de Montanha

Denize Potyguara



Exposição "As Mulheres Cabaças"

Divulgação



Terra Planet Artes

podem ser feitas de segunda a sexta, das 8 às 19 horas e aos sábados das 8 horas ao meio-dia. Terra Planet Artes é resultado do trabalho da artista multimídia contemporânea Lena Medeiros.

SHOW

Bloco Jornada nas Estrelas

*O CCBB Brasília entra em clima de folia e antecipa o Carnaval trazendo o Bloco Jornada nas Estrelas com o Maestro Spok, nos dias 8 e 9 de fevereiro, para celebração da cultura pernambucana e do frevo na Capital Federal. Entre os convidados: Lenine, Roberta Sá, Ylana, DJs La Ursa e Lupe (PE) prometem agitar o público com ritmos contagiantes. O evento também conta com a participação da Orquestra Marafreboi e do grupo

Divulgação / Sidarta



Pré-carnaval com Bloco Jornada nas Estrelas

Beto Assem



Ocupação Barbatuques

Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro, que apresenta a Orquestra Alada Trovão da Mata, representantes da cultura do DF. A garotada tem espaço garantido neste Grito de Carnaval com o "Jornadinha nas Estrelas", momento em que o Maestro Spok convida a turma do Mundo Bitá para animar a criançada.

Clima de Montanha

*Ainda em clima de férias, diversas festas estão animando os dias em Brasília neste mês de janeiro. Uma delas acontece nesta sexta-feira, 24 de janeiro, a partir das 21h, na Orla do Clube de Engenharia, com shows do cantor sertanejo Jefferson Moraes, e da adorada banda de samba e pagode Clima de Montanha. Os ingressos estão à venda pelo Sympla e costumam

a partir de R\$ 40 (feminino) e R\$ 60 (masculino), com valores referentes a meia-entrada e ao primeiro lote.

TEATRO

Ocupação Barbatuques

*Com 25 anos de carreira, o Barbatuques, grupo paulista reconhecido pela maneira única de produzir música corporal e vocal, aterrissa em Brasília para um fim de semana, trazendo na bagagem dois espetáculos e duas oficinas para crianças e adultos. A "Ocupação Barbatuques" toma conta da CAIXA Cultural, de 31/01 a 02/02 (sexta, sábado e domingo).

Viajantes do tempo

*Em 2025 a Cia de Comédia Setebelos comemora 20 anos de grupo. E para comemorar a mais recente produção do grupo retorna aos palcos repaginada, trazendo uma versão única e divertida dos eventos que moldaram a humanidade. Uma jornada hilária através dos séculos! De forma criativa, o espetáculo vai levar o público desde o descobrimento do Brasil até o Japão feudal, passando por diversos momentos marcantes como a Esparta dos guerreiros e o selvagem velho oeste americano, entre outros períodos históricos. Acontece no dia 15 de fevereiro, no Teatro Caesb em Águas Claras.

CINEMA

Cinemateca Brasileira

*Entre os dias 23 de janeiro e 12 de fevereiro, o Cine Brasília recebe a Mostra Cinemateca Brasileira: Resistências Cinematográficas. Organizada pela Cinemateca Brasileira e trazendo um total de 20 obras, entre curtas, médias e longas-metragens, a programação destaca produções que refletem momentos históricos, estéticas marcantes e a resistência cultural brasileira. Toda a programação é gratuita. Nesta primeira semana, de 23 a 29 de janeiro, abrindo a mostra, temos o clássico Pra Frente Brasil, de Roberto Farias, que retrata o drama de uma família que vive o desaparecimento de um ente querido no auge da Copa de 1970 e da repressão política. Também compõem a programação o curta Torre, de Nádia Mangolini, onde somos apresentados a relatos de quatro pessoas que viveram suas infâncias sob o regime da ditadura militar.

HQ no Quadrinho

Quadrinistas locais participam de feira no sábado na Oto Livraria

Por Mayariane Castro

No dia 25 de janeiro, sábado, a Oto Livraria, localizada na 302 Norte de Brasília, é palco de uma feira em homenagem ao Dia do Quadrinho Nacional.

A partir das 13h e até as 18h, a livraria recebe quadrinistas do Distrito Federal, que participam de evento expondo e vendendo suas publicações autorais. O evento tem como objetivo divulgar e promover a produção local de histórias em quadrinhos (HQs), além de aproximar o público da rica diversidade de estilos e temas presentes no universo dos quadrinhos.

A data, embora seja oficialmente comemorada em 30 de janeiro em todo o Brasil, foi antecipada em Brasília para que o evento seja mais acessível ao público da cidade.

O Dia do Quadrinho Nacional rememora a publicação de “As aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à Corte”, de Angelo Agostini, que foi a primeira história em quadrinhos brasileira, lançada em 1869 na revista Vida Fluminense.

O evento na Oto Livraria tem a presença de diversos quadrinistas que representam a cena de quadrinhos no Distrito Federal, como Cavalcanti Jr., Duda Carneiro, Gabriel Góes, Lima Neto, Lucas Gehre, Paulo Peres, Pedro D’Apremont, Rafa Bonfim, Rafael Moura, Ricardo Diniz, Tiago Palma e Wes Samp.

Os participantes expõem suas obras, oferecendo uma ampla gama de publicações, com propostas estéticas e temáticas variadas, do mangá à graphic novel.



Jô Oliveira

Jô Oliveira é uma das quadrinistas que participa do evento

Pioneiro dos quadrinhos presente

Jô Oliveira, autor de “O Homem de Canudos”, dará autógrafos

Além das publicações dos quadrinistas locais, o evento conta com a presença do ilustrador veterano Jô Oliveira, autor de “O homem de Canudos”, a primeira obra em quadrinhos produzida em Brasília, lançada originalmente na Itália em 1979 e publicada no Brasil apenas em 2024. Jô Oliveira faz uma sessão de autógrafos em duas sessões. Na mesma ocasião, o professor de comunicação social Ciro Inácio Marcondes também autografa

seu livro “Zip – Quadrinhos e Cultura Pop”, que aborda a influência dos quadrinhos na cultura pop.

A curadoria do evento ficou a cargo do jornalista Pedro Brandt, um dos fundadores do blog Raio Laser – Quadrinhos Além – e apresentador do podcast HQ Brasil. Brandt é um nome de destaque no cenário dos quadrinhos brasileiros e foi premiado em 2024 na categoria Produção para Outras Linguagens no troféu HQMix, consi-



Divulgação

Duda Carneiro, outra quadrinista que estará presente

derado o “Oscar” dos quadrinhos no Brasil.

A Oto Livraria, por sua vez, também participará ativamente da comemoração, com um acervo variado de HQs, tanto nacionais quanto importadas, novas e usadas, disponíveis para venda aos visitantes. A livraria é conhecida por sua oferta especializada em literatura e quadrinhos, sen-

do um dos pontos de referência para os fãs de histórias em quadrinhos na capital federal.

Os organizadores esperam que a feira contribua para o crescimento e o reconhecimento da produção local de quadrinhos e para o desenvolvimento de um público mais amplo e diversificado. A proposta é que os participantes do evento possam

conhecer a variedade e a riqueza das HQs produzidas no Distrito Federal e apoiar os artistas locais, adquirindo suas publicações e incentivando o mercado de quadrinhos na região.

A celebração do Dia do Quadrinho Nacional em Brasília também reflete a importância da data para o cenário dos quadrinhos brasileiros, conforme diz a estudante de artes visuais, Ana Santos, de 23 anos.

“É inevitável o impacto que os quadrinhos possuem no Brasil, tanto como agente cultural como também mecanismo educacional. Temos como uma grande referência ‘A Turma da Mônica’, de Maurício de Souza, que moldou uma geração e faz parte de uma estética brasileira muito bem estabelecida. Acredito que eventos assim servem para reforçar essa possibilidade profissional que muitas pessoas esquecem quando se encontram com o fazer acadêmico da faculdade”.

2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA



Adrian Tejido/Divulgação

‘Ainda Estou Aqui’ faz história

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Desde 2020, quando o thriller sul-coreano “Parasita” ganhou quatro Oscars, a festa de maior prestígio da indústria do audiovisual não reserva tanta alegria para a produção feita fora dos EUA, sobretudo a brasileira, quanto se vê em 2025, quando o Brasil vai concorrer à estatueta em três categorias, à força do fenômeno “Ainda Estou Aqui”. Pela segunda vez em 97 anos da premiação, o cinema brasileiro vai disputar a láurea de Melhor Filme, concorrendo na categoria mais prestigiosa e desejada da cerimônia da Academia de Artes e Ciências

Cinematográficas de Hollywood. O sucesso de bilheteria de Walter Salles - visto por quase 3,7 milhões de pagantes em território nacional - entrou ainda no páreo de Melhor Atriz (via Fernanda Torres) e Melhor Filme Internacional. Antes dele, em 1986, “O Beijo da Mulher Aranha”, de Hector Babenco (um argentino de Mar Del Plata radicado em SP), produzido pela paulista HB Filmes, concorreu ao Oscar principal da Meca do audiovisual, mas ganhou noutra seara, a de Melhor Ator (William Hurt). **Continua na página seguinte**